

2 *A Crise da Dívida*

COMO ELA COMEÇOU?

Nos anos 70, o preço do petróleo subiu repentinamente e os produtores de petróleo árabes depositaram grandes quantias de dinheiro nos bancos ocidentais. Os bancos, mais do que depressa, emprestaram o dinheiro aos governos do Terceiro Mundo, sem fazer muitas perguntas a respeito de como eles o devolveriam. Grande parte dele foi desperdiçada ou roubada por ditadores corruptos.

Então, as economias ocidentais entraram em recessão e passaram a comprar menos commodities, como o café e o cacau, vendidos pelos países em desenvolvimento, para ter dinheiro para pagar seus empréstimos. À medida que esses países viam a sua renda declinar, eles também perceberam que a dívida crescia, conforme as taxas de juros subiam. Os EUA aumentaram as suas taxas (para combater a inflação interna), e outros países desenvolvidos tiveram de fazer o mesmo, a fim de competir. Com as altas taxas de juros à disposição, os investidores internacionais começaram a querer comprar dólares e outras moedas ocidentais. Assim, os países devedores não só se viram pagando taxas de juros mais altas, mas, também, passaram a ter de pagar mais para comprar os dólares para pagar a dívida. Quando um país devedor começava a ter dificuldades, seus problemas em seguida ficavam fora de controle. Os juros que não podia pagar eram acrescentados à dívida. Assim, a dívida sobre a qual ele tinha de pagar juros tornava-se ainda maior (isso chama-se juros compostos).

Tudo isso ocorreu durante a Guerra Fria, na qual o bloco ocidental e o bloco soviético forneciam auxílio militar e ainda mais empréstimos aos países na África, na Ásia e na América Latina.

A crise da dívida tornou-se óbvia repentinamente em 1982, quando o México anunciou que não podia e não iria pagar o que devia.

QUE PAÍSES SÃO AFETADOS PELA CRISE?

Os países ao sul do Saara foram os mais atingidos. Ditadores corruptos como Mobutu, no Zaire, Amin e Obote, em Uganda, e Abacha, na Nigéria, levaram os seus países à dívida. As guerras civis em Angola, Moçambique e na Etiópia fizeram o mesmo (estas guerras tornaram-se piores, porque o Ocidente e a União Soviética apoiaram, cada um deles, um dos lados). Houve, também, muitos conflitos étnicos amargos (alguns deles agravados pelo estresse econômico), como, por exemplo, em Ruanda, Burundi e no Sudão. Gana e a Zâmbia sofreram, porque dependiam de uma só commodity (cacau e cobre respectivamente).

A região como um todo, agora, possui dívidas muito altas comparadas com os Produtos Nacionais Brutos (PNB) dos países. Por exemplo:

- R.D. do Congo 720% do PNB
- São Tomé e Príncipe 640% do PNB
- Guiné-Bissau 415% do PNB
- Angola 292% do PNB

Há alguns países na **Ásia** que têm problemas sérios de dívida. Ditadores como Suharto, na Indonésia, Zia-ul Haq, no Paquistão, e Marcos, nas Filipinas (todos protegidos pelo Ocidente durante a Guerra Fria) deixaram dívidas enormes para trás. Assim como os regimes militares em Myanma e na Tailândia. As guerras no Camboja, no Laos e no Vietnã e a instabilidade e o isolamento que as seguiram deixaram estes países com uma dívida séria. Bangladesh e o Nepal são ambos pobres e encontram-se altamente endividados.

Na **América Latina** e no **Caribe**, encontramos os maiores devedores do mundo em desenvolvimento: o Brasil, que deve \$232 bilhões, e o México, \$160 bilhões. A Argentina não fica muito para trás, com uma dívida de \$144 bilhões. Entretanto, como as suas economias são muito maiores que as dos países ao sul do Saara, os seus índices de dívida/PNB são de apenas:

- Brasil 30% do PNB
- México 45% do PNB
- Argentina 51% do PNB

Nos anos 80, a Nicarágua passou por uma guerra civil, quando o movimento esquerdista Sandinista derrubou o ditador corrupto Somoza e, então, teve de combater a contraguerrilha, apoiada pelos Estados Unidos. Em 1998, o país foi devastado pelo Furacão Mitch. A sua dívida, agora, é equivalente a 357 por cento do PNB: o 4o. maior índice de dívida do mundo.

Honduras (atingido da mesma forma pelo Furacão Mitch) também se encontra altamente endividado, juntamente com a Bolívia, a Guiana e o Peru.

No Caribe, o Haiti e a Jamaica possuem os problemas de dívida mais sérios.

QUAL FOI A REAÇÃO DOS CREDORES?

A ameaça de falência do México em 1982 foi séria o suficiente para ameaçar a estabilidade das economias ocidentais. O Banco Mundial, o FMI e os governos ocidentais tomaram medidas para diminuir o impacto imediato da crise.

- Eles organizaram “empréstimos-pontes” no que se chamou Plano Baker. Estes eram novos empréstimos que serviam de “ponte para a lacuna”, enquanto se dava tempo para que as reformas econômicas rigorosas surtisserem efeito.

- Eles incentivaram os credores comerciais a trocar a dívida por “Brady bonds” (de valor menor, porém mais seguras).
- Eles se juntaram formando o “Clube de Paris”, para negociar com os países devedores individuais.
- Alguns credores comerciais trocaram a dívida por ações nas empresas locais.

Porém, a crise da dívida continuou. Uma vez terminado o perigo inicial, com as dívidas do México e do Brasil reestruturadas, os credores perderam o senso de urgência, pois as outras dívidas não eram grandes o suficiente para perturbar a economia mundial. Foi somente em 1996 que a pressão constante das organizações não governamentais (ONGs) finalmente persuadiu o Banco Mundial/o FMI a lançar a Iniciativa Destinada aos Países Pobres Muito Endividados (HIPC – Highly Indebted Poor Countries Initiative). O objetivo era diminuir as dívidas dos países mais pobres para um nível “sustentável”.

A posição poderosa dos credores fez com que eles pudessem seguir seus próprios objetivos e sua escala de tempo. Por estarem sempre preocupados com a competição, eles têm relutado em tomar atitudes positivas, como:

- conceder condições de comércio mais justas
- parar sua exportação de armas
- tomar uma atitude decisiva contra a corrupção.

Cada um deles está resoluto em não ceder mais do que os outros no alívio da dívida. Assim, o progresso tem estado atado ao ritmo dos credores mais vagarosos. Todos se têm mostrado muito relutantes em limitar o comércio de armas, apesar do alto preço pago pelos pobres do Terceiro Mundo.

A necessidade da defesa de direitos – falar com os poderosos em nome dos pobres – tornou-se vital.

3 Jubileu 2000

A Tearfund e outras agências de desenvolvimento tornaram-se membros da Coligação Jubileu 2000 em 1997. Esta coligação nasceu da idéia de ligar-se o conceito bíblico do jubileu à chegada do novo milênio. Há organizações equivalentes em mais de 60 países.

O Jubileu 2000 reivindicou:



- **um cancelamento único** (para dissuadir as nações devedoras de pedir empréstimos irresponsáveis com a esperança de outros cancelamentos no futuro)
- **até o ano 2000** (para desencorajar outros adiamentos por parte dos credores)
- **do acúmulo da dívida impagável pelos países mais pobres do mundo** (“impagável”, porque não há dinheiro suficiente para o serviço da dívida assim como para pagar a escolarização básica, o atendimento à saúde primário e outros gastos essenciais)
- **num processo justo e claro** (isto é, realizado não pelas nações credoras poderosas atuando sozinhas, mas, sim, por um tribunal ou órgão examinador independente, talvez supervisionado pelas Nações Unidas. O dinheiro que teria sido usado para o serviço da dívida seria colocado num fundo especial e gasto com a recuperação econômica e a diminuição da pobreza).

A CAMPANHA

Em 1999, a campanha internacional começou a surtir efeito. Os governos de sete países industriais líderes, mais a Rússia (o grupo G8), encontraram-se em Cologne, na Alemanha, e reconheceram que o montante da dívida que os países pobres têm condições de manter é muito menor do que eles vinham dizendo. Eles concordaram com uma diminuição maior da dívida.

Então, o Banco Mundial/o FMI anunciaram que dariam maior prioridade à redução da pobreza. Os países que estavam pedindo o alívio da dívida na Iniciativa HIPC, teriam, agora, de criar um Documento de Estratégia para a Redução da Pobreza (PRSP – Poverty Reduction Strategy Paper) – veja a SEÇÃO 6. Ao mesmo tempo, o presidente dos EUA na época, Bill Clinton, anunciou que os EUA cancelaria completamente a dívida dos países pobres, quando isso fosse necessário para ajudá-los a financiar os gastos com a saúde e a educação.

Então, no final do ano 2000, Gordon Brown, o ministro das finanças do Reino Unido, disse que, assim que os países devedores se qualificassem para o alívio da iniciativa HIPC, toda a sua dívida para com a Grã-Bretanha seria cancelada. Além disso, os pagamentos do serviço da dívida de países ainda à espera para serem incluídos na iniciativa HIPC, seriam colocados num fundo de curadoria e devolvidos, quando esses países devedores tivessem preparado os seus planos para a diminuição da pobreza.

No Reino Unido, a Coligação Jubileu 2000 encerrou, conforme planejado, no final do ano 2000. Há duas organizações, agora, dando prosseguimento ao seu trabalho:

- O Drop the Debt, uma campanha que tem como alvo o encontro de cúpula do G8 em Gênova, na Itália.
- O Jubilee Plus, que está pesquisando as causas fundamentais do endividamento internacional.

Há, também, uma nova coligação coordenando a campanha no Reino Unido, a Jubilee Debt Campaign. E há, ainda, muitos grupos entusiastas envolvidos com a dívida nos países em desenvolvimento, que continuam a fazer campanhas relacionadas com esta questão. Mais informações sobre as organizações envolvidas nessas campanhas podem ser encontradas no APÊNDICE 2.